



Paulo Figueiredo, morador de Águas Claras há quatro anos: "O problema dos postes colocados em cima das calçadas é muito grave, é um obstáculo para os cadeirantes"

Crescimento inesperado

» HELENA MADER

Aposentada Anita Elvas, 67 anos, mora no décimo andar de um edifício da Quadra 209 de Águas Claras. Os apagões constantes que causam transtornos a toda a comunidade são uma preocupação ainda maior para ela. Quando a energia acaba, tem de subir os 10 andares de escada, o que representa um enorme esforço. Assim como dona Anita, os 135 mil moradores da cidade sofrem constantemente com os cortes de luz. As falhas no sistema de distribuição de energia elétrica são mais um exemplo da falta de investimentos na localidade e de como o crescimento populacional não foi seguido das necessárias obras de infraestrutura.

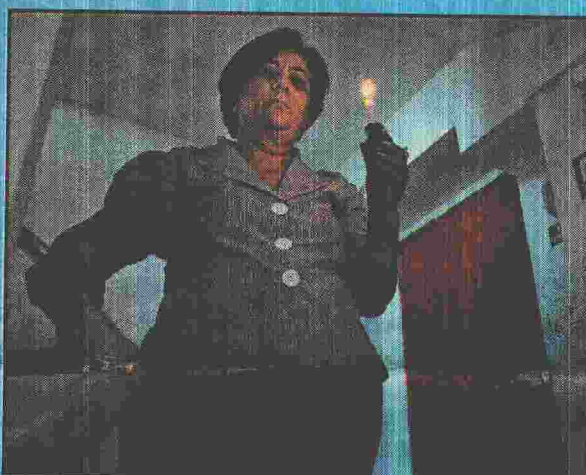
Outro problema é que algumas das construções públicas realizadas não seguiram as normas e se transformaram em empecilhos à circulação. A acessibilidade em Águas Claras é muito criticada e dificulta o livre trânsito de portadores de necessidades especiais. Em toda a cidade há postes de energia elétrica instalados no meio da calçada. Rampas com inclinação inadequada também podem ser encontradas em quase todas as quadras.

Erros como esse atrapalham a vida de Paulo Figueiredo de Carvalho, 43 anos. Morador de Águas Claras há quatro anos, muitas vezes ele não se sente seguro para circular sozinho pela região em cadeira de rodas. "Quando existem rampas, elas são malfeitas ou há carros parados em frente, impedindo o uso. Além disso, o problema dos postes colocados em cima das calçadas é muito grave, é um obstáculo para os cadeirantes e também para os pedestres", critica.

O presidente da Associação de Moradores de Águas Claras, Carlos Neto Mendonça, afirma que vai lutar pelo remanejamento desses postes, assim como pela conclusão das obras de urbanização da área. No prédio onde vive o líder comunitário, não há galerias de águas pluviais, e a água da chuva precisa ser jogada na rua, o que causa um grande desgaste na pavimentação. "Há várias quadras sem sistema de drenagem, o governo não deveria ter feito o sistema antes de terminar de construir todo o sistema de captação", reclama. A Secretaria de Obras informou que realiza a construção da drenagem das ruas Babaçu e 31 Sul.

Para a professora aposentada Rosa Emília Araújo, 50 anos, também integrante da Associação de Moradores, o governo não deveria vender lotes para imobiliárias antes de investir em melhorias para a região. "Dinheiro o governo tem de sobra, é só uma questão de priorizar os investimentos. Até hoje, ainda temos avenidas sem asfalto, como é o caso da Jacarandá. É preciso olhar mais para os interesses dos moradores antes de se pensar na expansão de Águas Claras, senão a cidade vai parar", afirma Rosa.

O diretor de Gestão de Informações da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), Júlio Miragaya, lembra que Águas



Anita Elvas precisa subir 10 andares sempre que falta luz



Rosa Emília critica a falta de pavimentação nas ruas

Perfil

Águas Claras se tornou uma região administrativa autônoma em maio de 2003, com a Lei nº 3.153/2003. Além da cidade, a região inclui Areal, Vereda da Cruz, Vereda Grande e Arnieiras, onde o perfil inclui principalmente casas.

Pavimentação

Segundo a Secretaria de Obras, está em andamento a obra de pavimentação das ruas Buriti, 31 Norte, Alameda dos Eucaliptos, Avenida Boulevard Sul, ruas 9, 24, 30, 31, 34 e 35 Sul, Avenida Castanheiras, ruas 25 e 28 Norte e das ruas Manacá, Açaf e Babaçu. De acordo com a pasta, isso representa um investimento de R\$ 8 milhões. Além disso, sete praças estão sendo urbanizadas e está prevista a ampliação da iluminação pública em vários pontos da cidade.

Claras cresceu em um ritmo 10 vezes superior à média do DF. Mas ele acredita que esse ritmo deverá ser mais lento nos próximos anos. "O surto de construções vai arrefecer um pouco porque a oferta no local é muito grande e ainda há muitos apartamentos vazios", comenta. "Hoje, a cidade tem 135 mil habitantes. Em 2004, eram apenas 35 mil moradores; o aumento da população foi muito expressivo", avalia o especialista.

Mudanças

Pelo projeto original de Águas Claras, os prédios deveriam ter apenas 12 andares. No início dos anos 1990, quando começou o boom de obras na região, apenas cooperativas habitacionais ocupavam os terrenos vendidos pelo governo local. Grupos de servidores de vários segmentos se uniram para viabilizar o sonho da casa própria e construíram edifícios pequenos, que saíram a preços módicos para os compradores.

Mas no fim da mesma década, a pressão das grandes construtoras fez com que o GDF mudasse as normas de utilização dos terrenos. Com isso, dependendo da área do lote a ser edificado, os prédios poderiam superar os 30 andares. Desde então, a maioria das obras é de arranha-céus e há edifícios com até 32 pavimentos.

A grande vantagem do bairro era a proximidade com a linha de metrô, que levaria a comunidade até o centro de Brasília e a outras cidades vizinhas, como Taguatinga e Ceilândia. Mas hoje os vagões não suportam mais toda a demanda e, nos horários de maior movimentação, especialmente no início da manhã, os trens circulam lotados.

O geógrafo e professor da Universidade de Brasília Aldo Paviani, especialista em planejamento urbano, atribui a maioria dos problemas de Águas Claras à mudança de gabarito, que, segundo ele, "desfigurou" a cidade. "Se todos os moradores tirassem os seus carros na mesma hora, não caberiam nas ruas. É um absurdo o que aconteceu em Águas Claras, deturpamos o projeto original para permitir espigões de mais de 30 pavimentos. Era óbvio que a infraestrutura não seria suficiente para tanta gente", comenta.



Se todos os moradores tirassem os seus carros na mesma hora, não caberiam nas ruas. É um absurdo o que aconteceu em Águas Claras, deturpamos o projeto original para permitir espigões de mais de 30 pavimentos. Era óbvio que a infraestrutura não seria suficiente para tanta gente"

Aldo Paviani, geógrafo e professor da UnB

● Principais problemas da cidade, apontados pela comunidade:

● O esgoto não suporta mais a demanda e em alguns pontos, como na Rua 36 Norte, é comum encontrar água suja e fétida saindo das galerias de águas pluviais

● Na maioria das áreas comerciais, não há vaga de estacionamento. Para ir às lojas, é preciso improvisar espaços para deixar os carros ou parar em fila dupla

● As vias de Águas Claras não suportam mais a grande quantidade de carros que circulam diariamente pelo local, especialmente nas horas de pico. Os engarrafamentos são uma cena comum para quem mora na região

● Os trens do metrô não conseguem atender a grande demanda, principalmente no começo da manhã. Os vagões viajam lotados

● A rede de distribuição de energia não acompanhou o rápido crescimento populacional. Assim, é comum faltar luz nos prédios, o que obriga os moradores a subir dezenas de andares de escada, além de enfrentar o transtorno de ficar às escuras

● Faltam calçadas na maioria das ruas da cidade

● A iluminação pública é precária em vários pontos de Águas Claras. Os moradores reclamam da violência, que é agravada pela falta de luz nas ruas

● Faltam serviços públicos básicos, como escolas, creches, postos de saúde, hospitais e delegacias

● Das 43 praças previstas para o bairro, apenas 16 estão prontas

● Em alguns pontos, como a Avenida Jacarandá, o asfalto ainda não foi concluído, o que gera poeira nos dias secos e muita lama nos dias chuvosos